

Lembranças, Construções: Uma Lembrança Construtora

Janete Frochtengarten

Da experiência ao trabalho da análise,
surge uma ponte que une e separa os dois protagonistas: forma-se uma
perspectiva que seqüencia os tempos imaginários e transferenciais.

Este texto surge a partir de um suspense. De uma ausência de representação face a um acontecer clínico. Durante meses eu convivi com as ressonâncias deste acontecer. Não foi um convívio pacífico. Longe disso. Ao mesmo tempo em que os resíduos vivos da situação se agitavam, estimulando, também me eram inacessíveis enquanto possibilidade de elaboração. Eu nem esquecia, nem elaborava. Até que pude me dar conta de que eu tentava acomodar minha perplexidade em referenciais teóricos esquematizados. Este era o aspecto resistencial mais aparente — manifestação inicial visível de intensas vivências na contra-transferência. A angústia resultou em autopercepção e saída do impasse que, pela monotonia repetitiva, ameaçava desgastar o inédito. Ganho de liberdade que permitiu a produção.

Diz Le Guen: “a práxis da análise se deve a que as questões que o analista se coloca no tratamento sejam sempre questões teóricas — e as respostas não podem senão conduzir a novas interrogações, tanto tomadas na singularidade do tratamento em curso, quanto no geral da te-

oria movente”. E acrescenta, em feliz brevidade: “Seria preciso lembrar — segundo a etimologia — que, longe de ser fixa, uma teoria é também procissão?”⁽¹⁾

Acho que é útil mesmo lembrar, pois, embora se possa assim pensar e assim procurar transmitir a teorização psicanalítica, efetivar isto enquanto um estado psíquico particular não é fácil. Para mim não foi. Mas o fato de ter podido sustentar o incômodo movimento pendular teve suas compensações. Espero que quem me leia também as encontre.

Bem, para não ficar “habitando os preâmbulos”⁽²⁾, prossigamos.

Ocorre-me descrever a situação de duas formas: uma lembrança em capítulos ou, mais visualmente, como uma longa tomada filmica que se inicia em “close”, com a câmera gradativamente se afastando até uma “panorâmica”.

Uma paciente, mulher adulta, quando em análise há aproximadamente um ano, diz:

Janete Frochtengarten: Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

“Lembro de uma vez que a escola programou uma visita e fiquei decepcionada porque minha mãe foi me levar e foi junto. Só ela, de mãe. Me senti diferente”.

Meses depois...

“Uma vez tive, na escola, um passeio; era destes passeios de alunos com a professora. E minha mãe disse que também ia. E foi. Fiquei mal, tive dor de cabeça.”

(Esta retomada da lembrança é feita como se nunca tivesse havido um relato anterior.)

Meses depois...

“Lembra que eu contei de uma visita que a escola programou e que minha mãe foi junto? Naquele passeio, que foi para o Parque do Ibirapuera, para o Salão da Criança, ficamos até mais tarde, não sei ficou escuro. Parece que esperávamos o planetário abrir. Não me lembro de ter ido ao planetário. Os alunos se espalharam, tinha parzinhos, namoros... Minha mãe chamou a atenção da professora. Depois ela me disse que foi bom ela ter ido, por causa disto, dos parzinhos no escuro.”

Pouco tempo depois (num dia em que estava assustada por ter tido mais uma de suas fortes dores de cabeça)...

“No passeio que te contei um dia, da escola, a maior dor de cabeça que já tive até hoje foi naquele dia. Tinha muita gente no Salão da Criança, eu não me sentia bem”

Não entro aqui em outras considerações sobre o contexto em que estas falas ocorreram, pois o que visó é especificamente examinar as questões que me surgiram através desta seqüência, assim colocada. Enfocarei o caráter seqüencial e o caráter de lembrança. Devo acrescentar apenas que nas sessões das quais destaco estes fragmentos não ocorreram menção, de minha parte, aos conteúdos da lembrança relatados pela paciente, nas outras ocasiões:

(Surpreende-me a constatação, ao vivo, do que é uma obviedade teórico-clínica — por mais que se queira manter um foco, o relato seletivo de um aspecto de um tratamento fala muito mais do que o seu objetivo se propõe.)

As questões e seu encaminhamento (e algo mais sobre esta análise...).

Não é habitual na consideração

do processo analítico pensar diferencialmente em sonhos, fantasias, lembranças — discriminá-los em suas especificidades; estes são vistos naquilo que trazem de conteúdo, muito mais do que no caráter peculiar de como (em qual condição) **portam** o conteúdo. Por vezes há um privilegiar maior de um sobre o outro — como quando se privilegia o sonho sobre a lembrança, enquanto menos “encobridor”. Mas por que será que representações inconscientes assinalam presença ora como um, ora como outro? Esta é uma questão que apenas enuncio. Que fica. E no caso do qual me ocupo (e que me ocupa)

O relato seletivo de um aspecto do tratamento fala muito mais do que o seu objetivo se propõe.

— porque são lembranças que encobrem... lembranças? (Coloco a questão em termos de estatuto metapsicológico específico.)

Pierre Fedida diz (são anotações pessoais no decorrer de seminários³⁾ sobre o tempo na análise — “o presente que abre para um passado anacrônico”; “o infantil é o passado anacrônico presente — ele está aí, não dá, não há perspectiva; ao longo da análise, paciente e analista adquirem perspectiva”.

Quando a paciente, S., diz — “eu me lembro”, “uma vez” — está falando, **no presente**, de tempos imaginários de sua história e de tempos seqüenciais na história transferencial. Estes eu acompanho.

Há uma grande riqueza nos desdobramentos desta lembrança — seu potencial aglutinador de histórias: a anacrônica, a que se presentifica na transferência e a história sintomática.

Na passagem entre a primeira e a segunda formulação de S. não há mais o inesperado. Não há mais uma ação que se impõe traumáticamente, pois “minha mãe **disse** que ia”.

Há, neste período da análise, com mais solidez, a presença da fala entre S. e eu. No início, S. sentava à minha frente — é por volta do enunciado da primeira “parte” da lembrança que ela havia resolvido deitar-se no divã. Enquanto S. permanecia sentada foi revelando, entre outros temores, o de ser surpreendida por mim, de eu apreendê-la/prendê-la subitamente numa interpretação diagnóstica. Ela vivia com um diagnóstico aderido a si — o de ordem médica, de disritmia cerebral, ao qual, por sua vez, estava conectado outro, “feito” pela mãe, o de loucura (“você é como a sua tia”... tia esta considerada a doente mental da família). “Tenho medo de lugar fechado”, “tenho medo de escuro, não posso ficar no escuro”, “tenho pavor de multidão, de gente me comprimindo”, “tenho pânico de lugar muito grande, de mar”, “tenho medo de coisas que sinto; às vezes tenho sensações que não sei explicar, de estranheza” — são os outros temores que então se apresentam.

Até a “segunda” lembrança, nunca havia ocorrido a S. que ela não falava com os pais do que pensava, do que sentia, se concordava ou não com o que a mãe lhe propunha/impunha e, quando lhe ocorre isto, diz: “Eu nem sabia o que eu queria”.

Na medida em que confia na minha fala para com ela, confia na possibilidade da sua fala (e/ou o inverso). No início, o meu silêncio era insuportável para S. Se eu não dissesse algo após uma fala sua, ela vivia momentos de pânico. Dilema dramático: ou era o fechado, comprimido, ou o amplo demais. Angústia do paradoxal: não é possível estar desamparada mas se há o fechamento no escuro da loucura, do estranhamento que faz com que seja preciso escapar (“acho que não vou conseguir mais vir às sessões”); mas aí, então, ficar solta no espaço sideral?... no planetário?... (Ou o planetário, ao qual finalmente não

vai, já representa a possibilidade de contenção do sideral?).

Esse movimento é o que se modifica quando/através da segunda forma da lembrança. Parece-me que encontrei a melhor distância possível, pelo menos por enquanto... Criou-se a perspectiva. Do "close" fixo em um rosto assustado foi se materializando o distanciamento... Ela pode se deitar e eu também posso descansar. Temos uma ponte que está aí, nos unindo/separando... Posso deixar de sentir que a retenho ou a solto... Os medos de S. ganharam palavras referenciais comuns no espaço analítico através da sucessão de lembrança/lembranças.

Na terceira formulação S. torna-me a acompanhante de uma história que transcorre no presente — "você se lembra?". E assim, na cumplicidade à meia distância, S. apresenta-se no cenário de sua sexualidade. Cenário conturbado onde está/não estando, sendo diferente, formando "parzinho" com a mãe... Cenário de um lugar de criança vigiada frente a um imenso perigo — o sexo, que na sua contingência, é tão espalhado no escuro...

Quanto à minha questão penso que, em parte, a função transferencial da lembrança seriada é a de atrair para o seqüencial. Agora ela sabe que tenho comigo ("você se lembra?...") a representação angustiada de sua não-representação (estranheza, não saber o que quer...). Isto precisava estar primeiro. Agora dá para S. ter a sua história. Digo, em parte, porque há as sobredeterminações. Falar de fatos acontecidos tem também uma função defensiva importante, função demarcatória — como se S. dissesse "aconteceu comigo", "disto eu sei". Ainda mais. S. tinha medo do que se passava em si (quem me lê, lembra-se?, é um dos medos nomeados), de seus movimentos internos. Houve uma sessão em que eu disse a palavra "psíquico" (ou "psiquismo") — S. se assusta e diz: "não sei o que é isto!". Não se tratava de desconhecimento/falta de conhecimento, mas, antes, de sinal de irreconhecimento; fantasias, conjecturas, sensações vagas estavam ligadas intimamente a idéias de loucura, de alienação de si mesma. Quando S. fala de algo que sente ou que imagina, acrescenta de imediato: "não sei se é certo, se não é, mas... eu pensei". O certo/errado, o louco/normal é como que um parâmetro constante

para se auto-aferir. Quando S. verbaliza aspectos tão significativos de sua vida, em termos de fatos ocorridos, isto talvez também tenha para ela uma conotação de realidade palpável, irretrocável, isenta de dúvidas (mesmo porque são fatos despojados de sua participação...).

"Talvez seja duvidoso que tenhamos recordações conscientes da infância; parece, antes, que temos lembranças sobre a infância. As lembranças da infância mostram-nos os primeiros anos de vida não como foram, mas como nos parecem nos tempos posteriores do despertar. Nestes tempos do despertar, as lem-

Em parte, a função transferencial da lembrança seriada é a de atrair para o seqüencial: em parte, porque há as sobredeterminações.

branças infantis não afloraram (como se costuma dizer) mas é então que se formaram; e uma série de motivos, aos quais é alheio o propósito da fidelidade histórico-vivencial, influenciam esta formação, bem como a seleção das lembranças" (Freud, 1899).⁽⁴⁾

"'Interpretação' aplica-se a algo que se faz a um elemento isolado do material, tal como a uma associação ou a um ato falho. Trata-se de uma 'construção', porém, quando se coloca frente ao sujeito em análise em fragmento de sua história primitiva que ele esqueceu..." (Freud, 1938).⁽⁵⁾

A lembrança de S. remeteu-me a estas duas postulações freudianas — lembrança encobridora e construção;

de tal encontro surgiu a ... lembrança construtora. Um tipo de atividade que constrói no próprio ato de sua formação, durante os tempos de despertar na análise. Formando lembranças e construindo história ou construindo lembranças e formando história — quem saberá? O que posso saber é que na análise de S. as lembranças me contavam de sua posição transferencial, ao mesmo tempo em que anunciavam mudanças nos rumos transferenciais, e que iam trazendo sua história de mulher.

Diferentemente do que Freud propõe como construção, não foi, na situação que relato, um trabalho feito, nem sequer intencionalmente estimulado, pela analista. Foi, enquanto trabalho, silencioso. Foi sendo um trabalho de construção gradativa, realizado por S., sob a forma de lembranças, apoiada numa relação transferencial na qual demandou, com a força da angústia, um lugar/distância no qual/a partir do qual pudesse começar a se olhar com seus próprios olhos.

Entendi, mais uma vez, a necessidade de modulação de minha presença/ausência na pulsação viva da experiência com S., nas lutas vivas desta análise.

Jamais estará instalada plenamente esta condição de imprescindibilidade prescindível — nem na minha relação com S., nem na minha relação com Freud...

É bom não estar só nestes refazer. Tenho o poeta como companhia:

"Sempre uma tentativa de recomeço, um abalo para diante, embalo, impulso, empuxo — uma volta e revolta da experiência, reviravolta de dados para enfeitigar o acaso."⁽⁶⁾

Notas

1 — Le Guen, Claude, "A Dialética Freudiana-1 — Prática do Método Psicanalítico" — Editora Escuta — 1991.

2 — Rosa, João Guimarães — expressão usada em um dos contos de **Primeiras Estórias**.

3 — Quando da vinda do psicanalista francês a São Paulo, em agosto/90.

4 — Freud, S. — **Obras completas** — Amorrostu Editores — vol. III — "Sobre as lembranças encobridoras" — Tradução da autora.

5 — Freud, S. — idem — vol. XXIII — **Construções em análise** — Tradução da autora.

6 — Torres Fº, Rubens Rodrigues — "Ensaio", in **Figura** — São Paulo, 1987 — livro produzido em processo serigráfico.